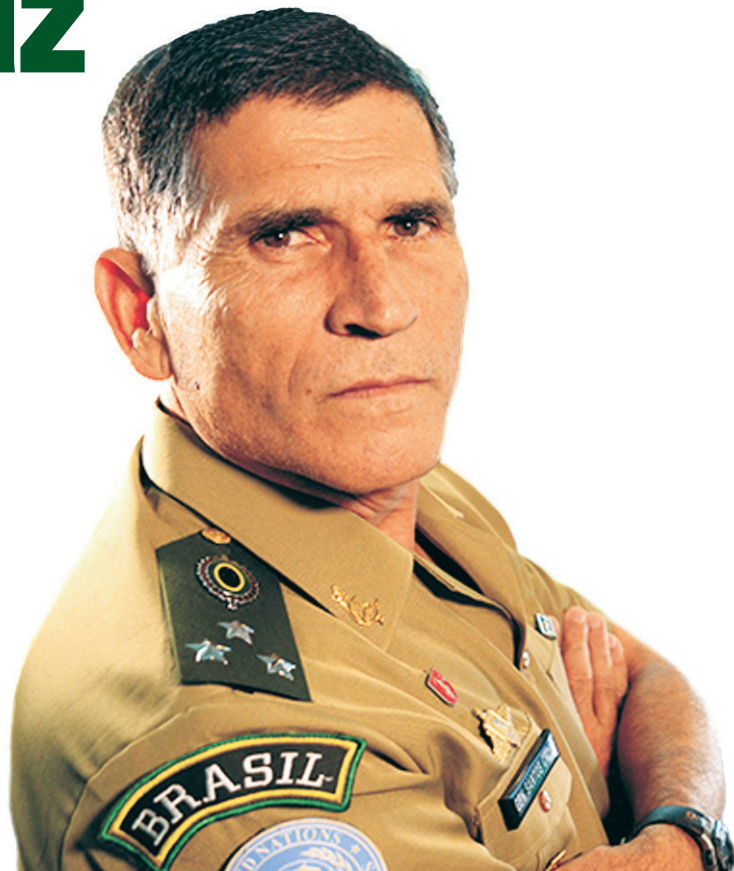


Entrevista com o General Santos Cruz

V.Ex.^a teve, no Exército, experiências nas quais demonstrou a sua capacidade operacional, durante aproximadamente cinco anos, em duas missões de elevada importância no cenário mundial. Pedimos a V.Exa que nos relate sinteticamente:

Como se desenrolou a operação no Haiti (MINUSTAH)? O Batalhão brasileiro correspondeu ao padrão de excelência em pessoal e material? A nossa tropa destacou-se em relação aos demais efetivos militares empenhados na mesma missão?



Eu iniciei meu trabalho como Comandante da força militar da ONU, na Missão das Nações Unidas, para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Isto ocorreu em 10 de janeiro de 2007, e fiquei na função por aproximadamente 2 anos e 3 meses, até 8 de abril de 2009.

Inicialmente, houve uma fase de confrontação bastante intensa. Essa opção foi deliberada. As ações do componente militar da missão, durante os anos de 2004, 2005 e 2006, tiveram como consequência a concentração das “street gangs” na região de Cité Soleil, que não é um bairro muito grande, é plano, tem uma estrutura de arruamento de fácil identificação, é bem perto do centro da cidade e do aeroporto da capital. É um local com fácil acesso. A decisão inicial foi pelo confronto direto. As tropas eram bem treinadas, bem equipadas, com melhor logística do que as gangs e não havia nenhum motivo para evitar o con-

fronto e eliminar o poder dos grupos criminosos dominantes naquela área da capital. A mesma opção foi feita para a região de Carrefour-Martissant, área mais afastada do centro da capital e que estava sob responsabilidade operacional de tropas do Sri Lanka. Existia, também, na ONU, na imprensa, nas organizações internacionais e na sociedade haitiana, uma expectativa forte de que as tropas das Nações Unidas enfrentassem as gangs e acabassem com a liberdade de ação daqueles grupos. Era um momento propício para ação. Não havia nenhuma justificativa para deixar de empregar a força contra aqueles grupos armados para destruí-los e restabelecer a autoridade do Estado dentro da área de Cité Soleil, Martissant e mesmo numa pequena parte de Gonaives, cidade esta que estava sob responsabilidade de tropas argentinas.

Nas ações ofensivas, que duraram aproximadamente três meses, foram empregadas, em Porto Príncipe, as tropas do Brasil, Peru, Bolívia, Jordânia e também pequenos contingentes de Chile, Uruguai e Nepal. O Brasil possuía o maior contingente na missão, todo ele desdobrado na capital. Na cidade de Gonaives, as ações ficaram por conta do Batalhão argentino, desdobrado naquela cidade. Em Martissant, as ações ficaram por conta das tropas do Sri Lanka.

Falando especificamente sobre o Brasil, o contingente era extremamente bem preparado, motivado, bem equipado, com pessoal selecionado. O contingente brasileiro, representado pelo Exército e também por um grupamento de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil, apresentava todos os padrões de excelência desejáveis para uma tropa entrar em ação. O contingente brasileiro tinha um desempenho operacional irretocável. Da mesma forma, as representações dos outros países apresentavam alto padrão de preparo, dedicação e desempenho, bom comando e liderança.

O contingente brasileiro tinha uma situação de destaque, não só pelo seu excelente desempenho, pois os demais contingentes também tinham alta performance, mas também por ser o contingente com maior efetivo, estar desdobrado na capital e com responsabilidade exatamente pela maior parte da área de Cité Soleil.

Quanto à missão no Congo, de estabilização da República Democrática (MONUSCO). Como ocorreu? Era semelhante à do Haiti? Que fatos marcaram a sua presença no Comando das Operações de Guerra? Poderia descrever alguma delas?

A indicação pelo Exército para o comando das tropas da ONU na República Democrática do Congo aconteceu por uma série de coincidências, tendo em vista que outros oficiais tinham

sido indicados antes de mim. Eu fui designado pelo Secretário Geral da ONU, em 26 de maio de 2013. Eu não estava mais no serviço ativo do Exército desde 1 de dezembro de 2012, quando passei para a reserva ex-ofício como General de Divisão, por força da legislação, em consequência do resultado da escolha para promoção ao último posto. Em março/abril/maio de 2013, eu estava trabalhando na Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (antiga SAE). Em meados de abril, eu fui contatado pela ONU, informado da situação na República Democrática do Congo (RDC) e perguntado se estaria disposto a comandar as tropas naquele país. Respondi sim de imediato, mas expliquei que estava na Reserva. Três condições eram necessárias: ser voluntário, estar no serviço ativo e ter o concorde do governo brasileiro. Além disso, como é norma da ONU, o meu nome teria que ser aprovado por unanimidade pelos quinze membros do Conselho de Segurança. Entrei em contato com o Exército, expliquei a situação, informei sobre o convite e o Exército decidiu me designar para o serviço ativo para que eu pudesse ser designado pela ONU como Comandante da força militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização da República Democrática do Congo (MONUSCO). O Ministério da Defesa e o Ministério das Relações Exteriores também trabalharam intensamente e muito rápido em favor da designação e eu assumi o comando em 2 de junho de 2013.

A Missão no Congo tem uma dimensão muito diferente do Haiti. O Haiti é um país pequeno, com poucos recursos e a Missão, na época em que comande, tinha em torno de 7.500 homens. O Congo é um dos maiores países do mundo, aproximadamente do tamanho da Europa Ocidental, extremamente rico em recursos naturais, e a missão da ONU tinha mais de 20.000 homens, dezenas de helicópteros e aviões e o maior orçamento de missões de paz das Nações Unidas. A missão do Haiti apresenta características diferentes da missão do

Congo no risco, no modo de atuação e na dinâmica das tropas e dos conflitos.

Inicialmente, no Congo, o fato marcante foi o confronto com o movimento rebelde chamado M23, a maior força já organizada no Congo, com significativo apoio externo, e que estava cercando a cidade de Goma, na fronteira do Congo com Rwanda. Goma é uma cidade com mais de 1 milhão de habitantes, importante centro agrícola e comercial no coração da África, na região dos Grandes Lagos Africanos.

Em agosto de 2013, a ONU entrou em combate em apoio às tropas do Congo, num combate absolutamente clássico, convencional, contra as posições defensivas do M23 na periferia de Goma. Dominaram as ações os ataques convencionais de infantaria, com intenso apoio de artilharia, morteiros, lançadores múltiplos, helicópteros de ataque e emprego de forças especiais. As tropas empenhadas da ONU foram, basicamente, da África do Sul, Tanzânia e Ucrânia. Após oito dias de combate, com centenas de baixas, o M23 foi obrigado a recuar 20km para uma posição de retardamento, deixando Goma fora do alcance da artilharia rebelde, que era de 18,5km. Essa foi uma vitória histórica para as tropas congoleesas com o apoio das Nações Unidas e um marco também na história da ONU e das Operações de Paz.

No prosseguimento das ações contra o M23, até o início de novembro de 2013, houve um grande número de situações de conflito com grupos rebeldes, não só contra o M23. Posteriormente, a partir de janeiro de 2016, foram iniciadas as ações contra a ADF, grupo criminoso originário de Uganda, intitulado como religioso radical, e que em cerca de um ano fez cerca de 500 vítimas civis, homens, mulheres e crianças, com uma violência, covardia e crueldade indescritíveis, quase todas assassinadas com facões e machados. O apoio ao Exército do Congo na luta contra a ADF se deu em ambiente similar ao ambiente brasileiro amazônico, no interior de área de selva montanhosa.

Tendo V.Ex.^a participado de missões no exterior em países de natureza vária, com diferenças extremas de desenvolvimento e civilização, sua experiência pessoal e profissional a nós parece privilegiada para emitir sua opinião crítica quanto aos tópicos abaixo.

Qual a atitude geral das populações locais com relação à presença e atuação de brasileiros em seu território?

As tropas da ONU normalmente atuam nas áreas mais carentes da população. Nos países considerados – Haiti e Congo – existe parcela da população com boa situação social, com recursos financeiros, com alto nível cultural. No entanto, as tropas atuam normalmente no interior do país ou em áreas urbanas mais desassistidas. Essa é uma parcela da população altamente necessitada de tudo, carente e ansiosa por algum auxílio, não importando a origem da ajuda. Para aquela população sofrida, a nacionalidade do auxílio é secundária. Em relação à presença brasileira, a observação é exclusivamente sobre o ambiente haitiano, já que não existe tropa brasileira no Congo. No Haiti, o contingente brasileiro, da mesma forma que outros contingentes, era muito bem aceito pela população carente, por diversas razões: o aumento da segurança real, o trato com a população e até mesmo algum pequeno auxílio direto prestado em diversas situações.

Que aspectos de ensino do Army War College V.Ex.^a julgou úteis e aplicáveis ao ensino em nossas instituições de ensino congêneres, particularmente a ECEME e o CPEAEx, e a ESG?

Eu cursei o United States Army War College, em Carlisle (USAWC), na Pensilvânia - EUA, de

junho de 1995 a maio de 1996. O USAWC é uma escola do nível político e estratégico, com cerca de 320 alunos dos Estados Unidos da América - civis e militares das forças singulares - e mais 30 estrangeiros de 30 países diferentes. Foi um curso extremamente interessante, não exatamente pelo conhecimento transmitido, mas pelo modelo pedagógico, pela metodologia, pelo espírito crítico existente e admitido no curso. O conteúdo, naturalmente, tem a visão política e estratégica dos EUA.

O embaixador Alberto Costa e Silva, historiador e poeta, ao longo de sua carreira diplomática, percorreu a África durante muitos anos, tornando-se, hoje, um dos maiores africanólogos do país, conhecedor profundo dos usos e costumes daquele povo. Em artigo, publicado na Revista DaCultura, em 2007, diz: “a sensação que se tem é de que estamos entre vizinhos, quase em casa”. Pelas experiências que viveu, qual a opinião de V.Ex.^a sobre esta afirmativa do autor?

Sobre a expressão do ilustre embaixador Alberto Costa e Silva de que na África temos “a sensação de que estamos entre vizinhos, quase em casa”, eu não tenho condições de fazer comentários sobre a África como um todo. Posso fazer algumas considerações baseadas nos países que conheci, como a República Democrática do Congo, a República do Congo, a Tanzânia, Rwanda, Uganda, Quênia, Etiópia e Malawi. Além disso, trabalhei com tropas e militares de diversos países africanos, como Ghana, Benin, Marrocos e Egito. Tenho certeza de que o autor da frase teve mais experiência africana do que eu. Não sei o contexto que o embaixador fez a afirmação. Possivelmente, o comentário foi num contexto mais poético, emocional. Eu concordo com o Exm^o embaixador, particularmente em

aspectos culturais de hospitalidade, simplicidade, música, colorido intenso das roupas, convivência com pessoas e grupos de diversas etnias, raças, religiões, o ritmo musical, a dança, o sincretismo etc. Mas também existem outros aspectos possíveis de similaridade que não são positivos, tais como a desigualdade social, a falta de qualidade e transparência na administração pública, o desnível social, o abismo existente entre as classes mais abastadas e as mais pobres, a precariedade de serviços públicos, a quase inexistente responsabilização política, o enriquecimento com dinheiro público, as acusações de corrupção e a distância ainda imensa a percorrer entre a situação atual e a situação social desejada, merecida e de direito para todos. Realmente, se tem a sensação de que estamos entre vizinhos.

Os negros do Caribe e do Brasil eram oriundos da África Ocidental, na faixa litorânea compreendida entre o Senegal e a Nigéria. As raízes africanas nesses países se fazem presentes em diversas manifestações culturais. Poderia V.Ex.^a discorrer sobre este assunto quando da sua permanência no Haiti?

O Haiti é um pedaço da África no Caribe. A proximidade da América do Norte, Central e do Sul não transformou a cultura africana do Haiti em uma cultura americana. Culturalmente, da mesma forma que na África, são identificados traços muito semelhantes aos nossos, pois a influência africana no Brasil é marcante por conta de cerca dos 350 anos de escravidão, que trouxeram milhões de negros africanos para o Brasil. São os mesmos traços descritos acima no comentário sobre a África. Felizmente o Brasil, pela sua dimensão e riqueza, teve um desenvolvimento econômico social para uma parcela razoável da população, apesar de ainda

extremamente distante de uma situação que se possa considerar razoável. No entanto, quando observadas as condições econômicas e sociais, a falta de serviços públicos, de direitos básicos, da quase inexistência de responsabilização e efeti-

vidade política, histórias de corrupção também são observadas muitas similaridades.

Realmente, as raízes brasileiras, haitianas e africanas apresentam muitos traços em comum.

Curriculum Vitae

O General de Divisão Carlos Alberto dos Santos Cruz nasceu no dia 1 de junho de 1952, na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, e é filho de Júlio Alcino dos Santos Cruz e Bertholina Sol Cruz.

Iniciou a sua carreira militar em 18 de março de 1968, ao ingressar na Escola Preparatória de Campinas (EsPCEX), onde concluiu o curso em 1970.

Cursou a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Resende (RJ), e foi declarado Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria em 17 de dezembro de 1974.

Como Primeiro-Tenente, fez os cursos de Comandos e Guerra na Selva.

Formou-se em Engenharia Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Como Oficial Superior, realizou, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército (CCEM).

Nos anos de 1995 e 1996, como Tenente-Coronel, foi graduado em Política e Estratégia no United States Army War College, em Carlisle, Pensilvânia, Estados Unidos da América.

Serviu na Assessoria de Pessoal do Gabinete do Comandante do Exército.

Comandou o 43º Batalhão de Infantaria Motorizado, em Cristalina-GO, e, entre 2001 e 2003, foi Adido Militar junto à Embaixada do Brasil em Moscou, Rússia.

Em 2004, quando foi promovido a General de Brigada, foi designado para comandar a 13ª Brigada de Infantaria Motorizada, em Cuiabá.

Nos anos de 2009 a 2011, comandou a Segunda Divisão de Exército, em São Paulo.

Ao terminar o Comando, foi nomeado Subcomandante do Comando de Operações Terrestres (COTER).

Comandou as tropas da ONU na missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti (MINUSTAH), nos anos de 2007 a 2009, quando teve, sob o seu comando, 12.000 militares.

Durante o ano de 2010, foi Conselheiro do Banco Mundial para elaboração do Relatório de Desenvolvimento Mundial.

Em 2012, fez parte do Grupo de Conselheiros da ONU para revisão do reembolso dos países contribuintes com tropas em Missão de Paz, passando para a Reserva neste mesmo ano.

Já na Reserva, exerceu a função de Chefe da Seção de Assuntos Militares, da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

Em maio de 2013, retornou ao serviço ativo, sendo designado pelo Secretário Geral da ONU como Comandante das Tropas da ONU na Missão das Nações Unidas para a Estabilização da República Democrática do Congo (MONUSCO). Encerrou o Comando em dezembro de 2015.

Atualmente, o Gen Santos Cruz é muito solicitado para entrevistas, palestras e reportagens, relatando as experiências que teve no Exército, no Brasil e no exterior.

